

O AMOR DE DEUS E O AMOR CRISTÃO. UM ESQUEMA DE LEITURA DA ENCÍCLICA DE BENTO XVI

*Mário Pinto**

*Recebestes [o amor] de graça, dai [o amor] de graça
(Mt 10, 8).*

I

Das Sagradas Escrituras e da doutrina da Tradição da Igreja, os cristãos sabem que Deus é amor.

S. João Evangelista deixou-nos estas palavras: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus; e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor» (1 Jo 4, 7-8).

Toda a história da Igreja e dos seus santos confirma esta verdade, que portanto não é apenas teológica, mas também experiencial. É sobre a verdade do amor de Deus que assenta a vida espiritual: a conversão, o baptismo e a vida na comunhão do Espírito (que é vida de comunhão com o Pai e o Filho Jesus Cristo no e pelo Espírito Santo, como também nos disse S. João: «ora a nossa comunhão é com o Pai e com o Filho Jesus Cristo» – 1 Jo 1,3). É ainda a partir do amor de Deus que temos comunhão com os irmãos («se, porém, andamos na luz como Ele mesmo está na luz, temos comunhão recíproca uns com os outros» – (1 Jo 1,7).

De acordo com o resumo de um ensinamento divulgado na Internet do Padre Jesuíta Robert Faricy, bem conhecido autor de livros sobre espiritualidade, o mais importante fundamento para a nossa vida cristã é o amor de

* Professor da Universidade Católica Portuguesa.

Deus por cada um de nós. O Padre Faricy diz que, do que temos mais necessidade, não é de nos esforçarmos por amar a Jesus; é sim de termos consciência de como é profundo o Seu amor por cada um de nós. Só experimentando como somos amados por Deus poderemos responder de modo adequado a esse amor.

Nem sempre os cristãos colocam esta verdade na base da sua vida espiritual. Mesmo se a conhecem intelectualmente, não raro estão longe de «conhecer» verdadeiramente este amor, tal como Deus no-lo quer fazer «conhecer», isto é, experienciar.

3. Se a base de toda a vida espiritual é esta (ter a consciência e fazer a experiência de que o Senhor Jesus nos ama pessoalmente), então deve cada um interrogar-se: – Como posso conhecer melhor que Deus me ama? Como posso tornar-me consciente desse amor? Como posso fazer a experiência íntima desse amor?

Sucedem que, por vezes, a educação da fé insistiu mais sobre outros tópicos, como o do nosso pecado e o da justiça de Deus; ou o do «mandamento» do amor. E não fez incidir sobre a ternura e a misericórdia de Deus suficiente luz, para que as vejamos com os olhos do coração e nos deixemos iluminar e aquecer.

Felizmente, a espiritualidade do nosso tempo redescobre com forte deslumbramento o amor de Deus; redescobre que é da experiência do amor de Deus que alimentamos a nossa resposta de amar a Deus e ao próximo; e proclama-o numa «nova evangelização». Como nos diz Bento XVI, na Encíclica «Deus Caritas Est»: **«o mandamento do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser mandado porque antes nos foi dado»** (DCE n. 14). **«Deus não nos ordena um sentimento que não possamos suscitar em nós próprios».** **«Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso também nós podemos responder com o amor».** **Ele faz-nos ver e experimentar o seu amor; e desta antecipação de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor»** (DCE n. 16).

Assim, poderemos dizer: o amor que eu dou a Deus é algo que Ele antes me deu a mim — e não passa de um pálido reflexo. É uma reflexão que gera e alimenta uma justa e merecida retribuição. Mas como o amor com que Deus me ama é indivisível também para o meu próximo, não posso retribuir a Deus senão um amor que é indivisível: a Deus e ao próximo.

Assim, a retribuição do nosso amor a Deus estende-se em amor ao próximo. Lemos na Encíclica de Bento XVI: **«Os Santos — pensemos por exemplo na Beata Teresa de Calcutá — hauriram a sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor Eucarístico; e vice-versa (...). Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis; constituem um único mandamento. Mas ambos vivem do amor preveniente**

com que Deus nos amou primeiro. Deste modo, já não se trata de um mandamento que do exterior nos impele ao impossível, mas de uma experiência de amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros» (DCE n. 18).

4. Depois da moderna revolução provocada pela experiência e comunicação da espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus, que não por acaso foi proclamada pela Igreja como padroeira das missões, vem em crescendo uma nova redescoberta pastoral do amor de Deus como conteúdo do *kerigma* e da catequese para a *segunda conversão*, isto é, para a *nova evangelização*. Um exemplo: os Seminários de Vida Nova no Espírito, do Renovamento Carismático Católico, que são, no nosso tempo, mais uma versão de «exercícios espirituais», começam precisamente por uma meditação sobre o amor de Deus (segundo uma prática, entre nós muito divulgada, com base no texto originário do Movimento Carismático americano, aprovado em Portugal com confirmação do então Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Maurílio de Gouveia). Outro exemplo: o movimento da espiritualidade da misericórdia de Deus, que teve como sua recente fundadora carismática Santa Faustina Kowalska, canonizada pelo Papa João Paulo II. Mas há muitos mais.

5. A esta luz, é ainda mais significativo que o Papa tivesse escolhido o amor de Deus para tema da primeira encíclica. Ele mesmo nos explicita o seu desígnio, por estas palavras: **«o objectivo da presente Encíclica não é o de ser um tratado exaustivo. O meu desejo é insistir sobre alguns elementos fundamentais, para deste modo suscitar no mundo um renovado dinamismo de empenhamento na resposta humana ao amor divino» (DCE n. 1).**

Podemos reconhecer neste desígnio o discernimento e o ensinamento do Pontífice que escolheu o nome de Bento XVI como homenagem e sinal para o nosso tempo, em que se trata de ir ao encontro da Europa e do mundo, reeditando o exemplo de S. Bento, pela via da «Nova Evangelização», proposta por João Paulo II.

Bento XVI conhece bem a situação interna da Igreja: porque participou muito por dentro no Concílio Vaticano II; porque acompanhou de perto a preocupação e a acção de João Paulo II; porque teve a seu cargo a vigilância da doutrina da fé; e porque seguiu directa e pessoalmente a vida de novos movimentos e comunidades eclesiais – que são manifestações do Espírito de Deus no seio da Igreja e no meio do mundo que sinalizam a espiritualidade contemporânea (novos movimentos e comunidades eclesiais que, aliás, convocou para Roma no próximo Pentecostes de 2006, repetindo o gesto de João Paulo II em 1998, ano do Espírito Santo). Conhece, além disso, como grande intelectual que é, o nosso tempo e os grandes debates e desafios que nele se destacam, como

revelou no célebre debate público com Habermas^{**}. Assim, e se Deus quiser, esta Encíclica sobre o amor de Deus será sem dúvida a primeira de uma série que nos guiará no caminho da «Nova Evangelização» do terceiro Milénio.

6. Na sua primeira parte, a Encíclica *Deus Caritas Est* (que daqui em diante citaremos pelas iniciais do título latino, DCE) parte da ideia de que o amor constitui o centro da fé cristã, o amor é **«a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho»**. E depois preocupa-se em reflectir sobre o amor em termos claramente do nosso tempo, incluindo expressamente na meditação o que o nosso tempo questiona e pratica do amor: a questão semântica e a questão sexual; o problema da relação entre o amor erótico e o amor comunhão: eros e ágape; finalmente, o amor cristão.

Na segunda parte, a questão que o Papa aborda é muito ampla e da maior importância, não apenas doutrinária mas também prática: é a questão de como se deve viver o amor dentro e fora da Igreja. De modo directo e especificamente, o papel da caridade nas sociedades políticas, distinto e complementar do papel da justiça. E a questão multifacetada, e não raro internamente contraditória, da compreensão e organização do «serviço da caridade», devidamente integrado **na natureza íntima da Igreja, natureza esta que se exprime num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerigma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leitourgia*), serviço da caridade (*diakonia*)** (DCE n. 25).

7. O texto subsequente não é nem um resumo nem um comentário da Encíclica. Corresponde a uma exposição oral que consistiu numa leitura de excertos seleccionados sobre quatro tópicos, sem dúvida muito importantes para a nossa circunstância. Foram os seguintes os tópicos focados, dois da primeira parte da Encíclica e dois da segunda:

- I – a unificação de «eros» (amor erótico, amor mundano) e de «ágape» (amor comunhão);
- II – o amor cristão: (o amor de Deus na Bíblia; o amor em Cristo; o amor cristão a Deus e ao próximo);
- III – a verdadeira relação entre justiça e caridade;
- IV – a caridade na Igreja.

II

1. EROS E ÁGAPE. A PURIFICAÇÃO E A UNIFICAÇÃO DO AMOR

a) *A fé cristã sempre considerou o homem como ser uni-dual: o “eros” quer elevar-nos “em êxtase” para o divino*

- b) O “eros” degradado em puro “sexo” torna-se mercadoria*
- c) O amor procura o carácter definitivo: exclusividade e para sempre*
- d) O amor é êxtase como êxodo para o reencontro*

2. O AMOR CRISTÃO

- a) O amor na Bíblia*
- b) A imagem de Deus que ama, na Bíblia*
- c) A imagem do homem, na Bíblia*
- d) O amor de Deus encarnado em Cristo*
- e) O amor a Deus e ao próximo*

3. CARIDADE E JUSTIÇA

A – A caridade como dever da igreja

- a) A caridade da Igreja, manifestação do amor trinitário*
- b) O Espírito Santo: força e amor no coração dos fiéis*
- c) O Espírito Santo: força e amor transformante do coração da comunidade*
- d) Amor que procura o bem integral do homem*
- e) Amor-serviço da Igreja: acorrer aos sofrimentos e necessidades dos homens*
- f) Este serviço da caridade é dever da Igreja: dos fiéis*
- g) Este serviço da caridade é dever da Igreja: da comunidade*
- h) A consequência da necessidade de organização*
- i) Consciência inicial deste dever da Igreja*
- j) A caridade no seio da comunidade dos crentes*
- l) A criação do ofício diaconal*
- m) Os diáconos devem ser cheios do Espírito Santo e de sabedoria*
- n) Serviço espiritual instaurado na estrutura fundamental da Igreja*
- o) Síntese da natureza íntima da Igreja: o tríptico dever*
- p) A caridade, expressão irrenunciável da essência da Igreja*

B – A questão da justiça e da caridade. Uma errada crítica às actividades caritativas da Igreja.

- a) A doutrina marxista e a doutrina social da Igreja*
- b) Relação entre a justiça e a caridade*
- c) A Deus o que é de Deus, a César o que é de César*
- d) A justiça, como dever central do Estado e da política*
- e) O que é a justiça? A razão e a fé.*
- f) Contributo próprio da Doutrina Social da Igreja*
- g) A Igreja e a política*
- h) Incompletude do Estado e da política*

- i) Haverá sempre necessidade de caridade*
- j) Crítica ao Estado Providência monopolista*
- l) O princípio da subsidiariedade*
- m) As forças vivas da sociedade civil*
- n) Insuficiência das estruturas, mesmo se justas*
- o) As duas linhas de serviço da Igreja na vida pública*
- p) O dever imediato dos católicos na vida pública*
- q) O dever mediato da Igreja na vida pública*
- r) A acção dos leigos como cidadãos*
- s) A acção política dos leigos vivida como “caridade social”*
- t) As organizações caritativas da Igreja são coisa diversa*
- u) Nunca poderá ser dispensada a missão da caridade*
- v) A situação geral do empenho pela situação social no mundo*
- x) A contribuição da Igreja*

4. COMO DEVE SER A ACÇÃO CARITATIVA DA IGREJA

- a) Manutenção da identidade e autonomia da acção caritativa da Igreja*
- b) A caridade entre os baptizados*
- c) O testemunho da caridade*
- d) A resposta prática às necessidades*
- e) Não basta a competência, é necessária a caridade*
- f) A necessidade da “formação do coração”*
- g) Em que consiste a formação do coração*
- h) Carácter não ideológico nem político da acção caritativa da Igreja*
- i) A acção caritativa não é atacável*
- j) A política não pode opor-se à caridade*
- l) O coração que vê*
- m) Caridade sem proselitismo*
- n) Não é proselitismo a caridade cristã*
- o) Responsabilidade da acção caritativa da Igreja*
- p) Espírito da acção caritativa*
- q) As obras não bastam; é necessário o amor*
- r) A união íntima com Deus pela oração*
- s) A caridade contra o activismo e o secularismo*
- t) A fé, a esperança e a caridade*
- u) Convite final: viver o amor****

*** Originariamente, a acção de leitura da encíclica prosseguia com base na referida selecção de excertos, ilustrativos dos tópicos elencados.